

TANURI, Marta Aparecida de Faria. Aspectos do discurso Caiçara: uma entrevista com um membro da Comunidade. *Revista Intercâmbio*, v. XXXIV: 97-119, 2017. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

## ASPECTOS DO DISCURSO CAIÇARA: UMA ENTREVISTA COM UM MEMBRO DA COMUNIDADE

Marta Aparecida de Faria TANURI  
(Laboratório Integrado de Análise Acústica e Cognição – LIAAC,  
Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e  
Estudos da Linguagem – PEPG em LAEL da Pontifícia Universidade  
Católica de São Paulo – PUCSP)  
[martanativa@hotmail.com](mailto:martanativa@hotmail.com)

**RESUMO:** Este estudo empreende uma análise discursiva da entrevista concedida pela caiçara Vanjelina ao Departamento de Folclore da Fundação de Arte e Cultura de Ubatuba/SP. O objetivo principal é compreender como se constrói textual e discursivamente a denúncia de silenciamento cultural que se impõe sobre essas populações que nasceram e vivem em regiões litorâneas, especificamente no Sudeste do Brasil, cujos costumes encontram-se em processo de esquecimento, em decorrência do crescimento das cidades e do contato com outras culturas a partir da intensificação do turismo nessas regiões, em meados da segunda metade do século XX.

**PALAVRAS-CHAVE:** Análise do discurso; Formações ideológicas; Fala Caiçara; Entrevista.

*ABSTRACT: This study undertakes a discursive analysis of the interview granted by caiçara Vanjelina the Department of Folklore Art Foundation and Culture Ubatuba/SP. The main objective is to understand how to build textual and discursively the denunciation of cultural silencing that is imposed on these people who were born and live in coastal regions, specifically in southeastern Brazil, whose customs are in process of forgetting , as a result of growth the cities and contact with other cultures from the growth in tourism in these regions , in the middle of the second half of the twentieth century.*

*Keywords: Discourse analysis; Ideological formations; Speaks Caiçara; Interview.*

TANURI, Marta Aparecida de Faria. Aspectos do discurso Caiçara: uma entrevista com um membro da Comunidade. *Revista Intercâmbio*, v. XXXIV: 97-119, 2017. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

## 0-Introdução

Este estudo apresenta resultados de uma pesquisa de mestrado em Linguística (Tanuri, 2014) que enfocou compreender os aspectos discursivos que veiculam a queixa de silenciamento cultural e em que medida os recursos expressivos da fala caiçara manifestam discursivamente as condições específicas desses sujeitos no mundo contemporâneo. Este estudo será realizado por meio da análise de transcrição da entrevista dada pela caiçara Vanjelina, de outros caiçaras e entrevistador, cujas falas são utilizadas para confirmar as dela, ao Departamento de Folclore da Fundação de Arte e Cultura de Ubatuba. A entrevistada principal é a caiçara Vanjelina, conhecida como Dona Vanja da Picinguaba, e o entrevistador é o Coordenador do Departamento de Folclore Sidney Martins Leme, conhecido como Ney Martins. Não foram encontrados dados sobre os entrevistados, apenas entrevista e áudio. Outros entrevistados são os caiçaras: Dona "Bidica" Benedita de Oliveira Santos; Catarina de Oliveira Prado; Baeco, Manoel Onerai Barbosa e Vanil; e Luiz Suré.

## 1-Fundamentação Teórica

Neste Trabalho, apresenta-se um levantamento teórico em que se destacam os principais conceitos que foram utilizados para analisar o *corpus*. São conceitos de Discurso, de Ideologia e de Enunciação. Tendo como base teórica a Análise de Discurso de Linha Francesa, serão considerados aspectos externos, compreendendo elementos históricos, sociais, culturais e ideológicos, que fazem parte essencial de uma abordagem discursiva. O estudo será dedicado à investigação de marcas de subjetividade no enunciado sob a perspectiva da Linguística da Enunciação, considerando o contexto em que está sendo produzido, pois cada sujeito está envolto de uma ideologia que determina uma formação discursiva.

A Análise do Discurso (AD) não se limita a um estudo puramente gramatical da língua. Para a AD os falantes têm que mobilizar saberes exteriores à língua, conhecimentos de caráter histórico-ideológico-social, que muitas vezes aprendemos na vivência e no cotidiano. A AD destaca três conceitos a serem considerados no processo de compreensão dos enunciados: as noções de condição de produção, de formação ideológica e de formação discursiva. "O sentido se forma levando em conta os

TANURI, Marta Aparecida de Faria. Aspectos do discurso Caiçara: uma entrevista com um membro da Comunidade. *Revista Intercâmbio*, v. XXXIV: 97-119, 2017. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

contextos, um sujeito histórico produz a linguagem interagindo com outro sujeito, a linguagem é constitutivamente heterogênea” (BRANDÃO, 2012:21). A ideia de heterogeneidade mostra que a linguagem não é transparente podendo abrigar vários sentidos Pêcheux (*apud* BRANDÃO, 2012:22) que está na fundação da AD, aborda esta questão no trecho a seguir, segundo Brandão (2012:160):

[...] O sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe em si mesmo, isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante, mas ao contrário é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas [...]. Poderíamos resumir essa tese dizendo: as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas [...] nas quais essas posições se inscrevem.

A palavra tem vários sentidos que dependem das condições de produção do discurso, levando em conta a formação discursiva que se associa e a formação ideológica que origina. Segundo Brandão (2012) “o discurso compreende o contexto sócio-histórico-ideológico que envolve os interlocutores, o lugar de onde falam, a imagem que fazem de si, do outro e do objeto que estão tratando”. (BRANDÃO, 2012:23).

Outra base teórica deste estudo, uma tendência da AD, a Linguística da Enunciação, tem como principal representante Émile Benveniste (1966:285). Para este autor:

[...] A linguagem está na natureza do homem, que não a fabricou. Inclino-nos sempre para a imaginação ingênua de um período original, em que um homem completo e, entre eles, pouco a pouco, se elaboraria a linguagem. Isso é pura ficção. Não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a. Não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem.

A Linguística da Enunciação trouxe um pensamento diferenciado sobre a linguagem.

Benveniste (1996) entende que a relação do locutor com a língua é determinada pelos caracteres linguísticos da enunciação. O ato de

TANURI, Marta Aparecida de Faria. Aspectos do discurso Caiçara: uma entrevista com um membro da Comunidade. *Revista Intercâmbio*, v. XXXIV: 97-119, 2017. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

produzir um enunciado consiste em o locutor mobilizar a língua por si só. Antes da enunciação, "a língua é apenas uma possibilidade; na enunciação o locutor realiza um processo de apropriação do aparelho formal da língua ao mesmo tempo em que enuncia sua posição de locutor por meio de índices específicos" (BRANDÃO, 2012:31). Para Koch (2012), "toda atividade linguística seria composta por um enunciado, produzido com dada intenção (propósito), sob certas condições necessárias para o atingimento do objetivo visado e as consequências decorrentes da realização do objetivo". (KOCH, 2012: 23).

O estudo da linguagem está relacionado com seu ambiente e com as vozes que esses sujeitos constroem com sua memória discursiva. Segundo Dijk (2012) "os contextos surgem em diferentes tamanhos ou escopos e podem ser mais ou menos micro ou macro; falando metaforicamente, parecem ser círculos concêntricos de influência ou efeito de certos estados de coisas, eventos ou discursos". (DIJK, 2012:19)

Estudar e registrar o falar caiçara não é somente analisar modos diferentes de falar, mas uma tarefa mais difícil do que distinguir o uso formal e informal da língua, pois no contexto está toda a subjetividade do sujeito. Segundo Dijk (2012:160):

[...] São várias as razões pelas quais há muito menos pesquisas de base social sobre a variação do discurso. Para começar, especialmente no que diz respeito ao discurso falado, é muito difícil observar, gravar e transcrever grandes porções de discursos comparáveis em suas situações "naturais".

Uma proposta para analisar fatores sociais da variação da língua e do discurso é o termo de "comunidades de práticas". Segundo Dijk (2012), "a noção de comunidades de práticas é vaga [...] elas são definidas por suas práticas situadas [...] e não por tipos de participantes". (DIJK, 2012:162).

Ainda que se considere o contexto, ao analisar o discurso caiçara, há de se considerar também o discurso de maneira individualizada, já que, apesar de terem costumes parecidos, cada sujeito é único e traz consigo uma visão do mundo própria e adquirida ao longo de sua vida.

Cada sujeito está envolto por uma ideologia, que determina as formações discursivas. Os caiçaras trazem em seu discurso traços ideológicos em comum, mas que podem compreender diferentes formações discursivas, muitas vezes influenciadas pelo grupo social doméstico, ou seja, pai/mãe, marido/mulher. Segundo Dijk (2003:17):

TANURI, Marta Aparecida de Faria. Aspectos do discurso Caiçara: uma entrevista com um membro da Comunidade. *Revista Intercâmbio*, v. XXXIV: 97-119, 2017. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

[...] Uma das práticas sociais mais importantes condicionadas pelas ideologias é o uso da linguagem e do discurso, uso que simultaneamente influi na forma de adquirir, aprender ou modificar as ideologias. A maior parte do nosso discurso, especialmente quando falamos como membros de um grupo, expressa opiniões com um fundamento ideológico. A maioria das ideias ideológicas aprendemos a ler e escutar a outros membros do grupo, começando por nossos pais e companheiros.<sup>1</sup>

A linguagem e formas de comunicação caiçaras foram e são produzidas coletivamente por seu grupo social e as ideologias são compartilhadas e modificadas pelos próprios membros da sociedade, divergindo opiniões e criando diferentes formações discursivas. Dijk (1999) esclarece:

[...] igualmente que as várias formas de conhecimento sociocultural e as linguagens naturais, as ideologias são compartilhadas. Não existem ideologias “privadas”, pois há somente opiniões privadas. As ideologias são adquiridas, confirmadas e modificadas pelos atores sociais como membros de grupos, e como uma função dos objetivos e interesses deles.<sup>2</sup>

Ao analisar a comunicação oral caiçara, devem-se considerar, ainda, vários outros aspectos: que a fala apresenta estilos próprios na pronúncia e na entonação; que toda comunicação oral é veiculada pelo canal sonoro saindo da boca para o ouvido; que esta passagem envolve três fatores: “fisiológico, linguístico e psicológico”. (URBANO, 2011:23).

Devemos considerar que o discurso pode ser “mal entendido devido à existência de pessoas de deficientes ou descuidada articulação e /ou audição sonora [...] sendo [este] um aspecto fisiológico” (URBANO 2011). Quanto ao aspecto linguístico o autor Urbano 2011:24 acrescenta:

[...] Receber uma mensagem oral é o mesmo que categorizar e decodificar seus componentes gramaticais, semânticos, simbólicos, estilísticos. Essa categorização se dá com base na cultura e na experiência do receptor. As condições de comunicação devem permitir o reconhecimento de um código comum ao locutor e interlocutor, considerando-se inclusive a codificação gestual, mímica, entonacional, etc

---

<sup>1</sup> Traduzido

<sup>2</sup> Traduzido

TANURI, Marta Aparecida de Faria. Aspectos do discurso Caiçara: uma entrevista com um membro da Comunidade. *Revista Intercâmbio*, v. XXXIV: 97-119, 2017. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

Ainda, na situação comunicativa, deve-se considerar o aspecto psicológico entre os falantes. As condições particulares devem ser consideradas, a atenção de quem ouve, o estado emocional de quem fala, a personalidade de ambos.

Enfim, com base nestes conceitos teóricos, foi feita a análise da entrevista do sujeito Vanjelina, a fim de investigar os discursos ideológicos presentes no texto.

## 2.- Metodologia

Esta pesquisa enfoca um estudo sobre queixas de silenciamento cultural na cidade de Ubatuba/SP, e os embates entre "ontem e hoje", "antigo e novo", na concepção ideológica de caiçaras desta cidade. Serão analisadas entrevistas dadas por caiçaras e levantadas hipóteses sobre o discurso. A escolha por esse estudo de caso busca questionar aspectos saudosistas encontrados na fala caiçara.

## 3. - Constituição do corpus

Trata-se de um documento transcrito do diálogo gravado em uma fita K7 em 1988, no município de Ubatuba ao Departamento de Folclore da Fundação de Arte e Cultura de Ubatuba. Esse DVD de transcrições e áudios não foi encontrado na Fundação, e a mesma não obtém tal exemplar, e nem houve divulgação ou publicação de tal material. Este documento foi emprestado à pesquisadora por historiador local. A fundação alegou não ter mais o exemplar de estudo em seus arquivos.

Ubatuba é um dos municípios do Litoral Norte de São Paulo, e segundo o IBGE conta com mais de 85 399 habitantes. Cidade turística, exuberante pelas suas mais de 100 praias distribuídas pelo seu litoral. A população que nasce nessa cidade é caiçara, assim como todos os que nascem em litoral praiano.

Nessa entrevista, Dona Vanjelina relata sobre as festas de antigamente, como foi pedido pelo entrevistador.

Dona Vanja destaca na entrevista aspectos de sua cultura fortemente influenciada pela religião católica, religião que no passado promovia todas as festividades religiosas da cultura local como: festa de *Corpus Christi*, festa de santos e, por conseguinte, influenciava todos os rituais festivos, como as danças, a comida, a bebida. Nessas ocasiões, prevalecia o espírito colaborativo entre os membros da comunidade.

TANURI, Marta Aparecida de Faria. Aspectos do discurso Caiçara: uma entrevista com um membro da Comunidade. *Revista Intercâmbio*, v. XXXIV: 97-119, 2017. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

Na entrevista, Dona Vanjelina critica principalmente a religião protestante, acusando-a de ser a principal causadora da perda dos costumes caiçaras ligados a essas festas religiosas. Essa queixa torna-se compreensível quando se leva em consideração a estreita relação entre as diversas atividades caiçaras e a religiosidade.

### 3.1- Dona Vanjelina: Embate entre ontem e hoje

O discurso de Dona Vanjelina, reflete aspectos do contexto no qual ela estava inserida, por isto é possível identificar ali as vozes que revelam tanto a posição social do sujeito que assume a responsabilidade enunciativa, quanto daqueles contra quem ele se posiciona. D. Vanjelina defende sua posição ideológica opondo-se às formações discursivas inerentes ao Protestantismo, que elege como oponente à sua cultura. Deste modo, recria ou reproduz o embate entre essas duas posições religiosas que se verifica em seu tempo. É importante destacar que a entrevista acontece em 1988, e “hoje” de que será falado baseia-se nessa data, mas as situações de silenciamento cultural trazem essa impressão à população até hoje em dia, estendendo-se o “hoje” para os dias atuais. O “ontem” retratado na fala da entrevistada é sobre sua infância e histórias antigas de sua comunidade.

Dona Vanjelina assume uma posição no discurso ao defender a superioridade da religião católica em relação à protestante, e afirma sua opinião usando expressões contra os crentes, como a seguir: “... Tem muita gente que é católica e puxa pra crente.”

Nesta fala Dona Vanjelina critica as pessoas que mesmo sendo católicas têm atração por outra religião. Além disso, sente-se traída e abandonada pelos outros componentes da religião que defende. O sujeito mostra sinais de preocupação quanto ao fato de os Protestantes influenciarem ideologicamente sua comunidade. Para realizar a análise da entrevista de Dona Vanjelina, é necessário considerar outras vozes que aparecem nele, pois “um sujeito histórico produz a linguagem interagindo com outro sujeito, a linguagem é constitutivamente heterogênea” (BRANDÃO 2012, p.21). Por meio da heterogeneidade discursiva da fala de Dona Vanjelina percebemos seus vários sentidos.

A expressão da caiçara soa um tanto agressiva, percebe-se que a crítica traz um tom desvantajoso para a outra religião e Dona Vanjelina estabelece um *ethos* de denunciante: “... **O doido é isso** eu tenho uma

sobrinha que **ela foi do tempo**, o pai dela era católico, a mãe dela são católica até hoje, **se ela tivesse as vistas dela...**"<sup>3</sup>

Quando Dona Vanjelina diz "ela foi do tempo", remete-se ao passado sugerindo que antes era melhor que hoje. Ao criticar a sobrinha que "foi do tempo", ou seja, viveu no tempo dos mais velhos, quando todos da família eram católicos, a enunciativa recupera o objeto do discurso, a sobrinha, por meio de três mecanismos de coesão referenciais, um pronome reto "ela" e dois possessivos "dela". O excesso de elementos que recuperam o objeto do discurso, que segundo a norma culta da língua poderia indicar falta de progressão, soa aqui como se D. Vanjelina estivesse tentando colocar na berlinda, com mais ênfase, aquela que considera uma espécie de traidora dos valores tradicionais baseados no Catolicismo.

Quanto à expressão "o doído é isso", notamos divergências entre o áudio e a transcrição, no áudio: a palavra é "doído"<sup>4</sup> que mostra a dor que Dona Vanjelina sente quando se sente ameaçada por outra religião e enxerga nesse advento o fim de suas tradições e identidade. Quando Dona Vanjelina diz "se ela tivesse as vistas dela", faz uma ameaça à sobrinha, já que se a mãe pudesse ver o que ela está fazendo, ela teria um castigo.

Esse discurso não é exclusivamente do sujeito, mas constitui reflexo da voz da comunidade em que ela se insere, como podemos ver na fala<sup>5</sup> a seguir de Dona Benedita de Oliveira Santos, conhecida como Bidica. Podemos ver no trecho da entrevista de Dona Bidica, aspectos de saudosismo, de lembrança do que foi ontem, apego à identidade cultural:

1. Ney: E as brincadeiras Dona Bidica?
2. Bidica: Hoje não tem mais nada disso. Mas na minha casa tinha uns balanços bonitos. As brincadeiras era tudo no quintal de casa... (Entrevista Dona Bidica).

Em (1) Ney refere-se "às brincadeiras" como as danças e as festividades de antigamente. Dona Bidica, em (2), assim como Dona Vanja, destaca em sua fala que hoje em dia os costumes não são mais

---

<sup>3</sup>Grifo nosso.

<sup>4</sup>Será dada preferência ao áudio sempre que houver divergência com a Transcrição.

<sup>5</sup>Entrevistada Dona Bidica.



os mesmos, e quando diz "Hoje não tem mais nada disso", reforça a ideia de saudade, de nostalgia em relação aos tempos passados. Podem-se observar mais características no excerto abaixo:

1. Ney: Dá saudade né Dona Bidica? Quando a gente começa a falar.
2. Bidica: Mas foi uma infância, a gente participava de reza. Na semana Santa como agora, a gente não parava em casa ia a pé para a cidade... o pão era gostoso toda vida, e aquela manteiga aviação, eu me lembro disso como se fosse hoje. E nós dormia, sabe no que, lá no Hotel? Numa esteira não era colchão... (Entrevista Dona Bidica).

Em (2) destaca-se, novamente, a saudade do sujeito que viveu antigamente. É relevante notar, ainda, que todos os prazeres desse sujeito estavam diretamente ligados às festividades religiosas cujo ápice parecia ser a Semana Santa, motivo para integração da comunidade e para viver a aventura de dormir fora de casa.

O respeito aos valores tradicionais, expresso por meio da obediência aos preceitos católicos como o de não comer carne durante a Semana Santa e o de guardar silêncio durante a sexta-feira da Semana Santa, dia da morte de Cristo, aparece no excerto a seguir. Além disso, a ideia de respeito estende-se ao esforço coletivo para manutenção dos espaços religiosos:

1. Ney: E o pessoal tinha respeito muito grande?
2. Bidica: Todo mundo, não é como é hoje... (A religiosidade também faz parte da ideologia de Dona Bidica).
3. Ney: Dona Bidica, me diga uma coisa, a alimentação, não comia carne na Semana Santa?
4. Bidica: Não comia não. Hoje mudou, hoje só na sexta ainda e olha lá... a sexta-feira você passava não escutava um piado de passarinho, mas nem hoje gosto de ligar o rádio. Agora se você liga é aquela bandalheira que dá nojo. Não tem jeito. Mudô e mudô muito.
5. Bidica: Nós mulheres já carpimos umas três vezes, eu já fui de enxada nas mãos muitas vezes, não é só as mulheres tem que ter homens também, e arcá com

alguma responsabilidade, se não daqui a pouco não temos mais capela, vai cabá.

6. Ney: Aí abre a porta para outras religiões entra no bairro?
7. Bidica: E aí quando outra se mete no meio da gente, começam achar ruim... (Entrevista Dona Bidica).

No excerto anterior pode-se constatar que o entrevistador Ney Martinsfaz as perguntas, principalmente em (6), de forma a deixar ao entrevistado poucas possibilidades de discordar ou apresentar outra perspectiva, quer porque ele compartilha dos sentimentos da comunidade, quer porque ele talvez tenha a intenção de fortalecer o discurso anti-protestante. Pode-se perceber, além disso, que as falas anti-protestantismo são permeadas de outras falas que ampliam para além do embate religioso os problemas enfrentados pelos membros da comunidade caiçara entrevistados.

Dona Catarina<sup>6</sup>, outra entrevistada, traz em sua fala, em (1), as mesmas referências saudosistas de Dona Vanjelina e de Dona Bidica, o saudosismo e a predileção pelo passado, pelo "ontem".

1. Catarina: "Hoje tá tudo diferente, porque a Semana Santa era Semana Santa... Bate a saudade de falar... bate a vontade de falar, tudo é diferente... A procissão era linda, linda... Aquele tempo o pessoal tinha força de vontade se adivertir... Um dia desse eu tive cantando com o Mané Hilário, aí me deu até saudade..." (Entrevista Dona Catarina).

Na sociedade local, a saudade vira o desgosto e mais uma vez ligado ao desapego dos contemporâneos às tradições religiosas do passado. Ainda Dona Bidica, em (2), vê sua identidade cultural pela fé e, quando externa que tudo não é mais igual, vê as festividades da religião católica extinguindo-se:

1. Ney: Que bonito que era hem? A festa lá na cidade.
2. Bidica: Tinha rezas todos os dias, com Alvorada, procissão. Eu só fico triste quando ninguém acompanha

---

<sup>6</sup>Entrevistada caiçara.

TANURI, Marta Aparecida de Faria. Aspectos do discurso Caiçara: uma entrevista com um membro da Comunidade. *Revista Intercâmbio*, v. XXXIV: 97-119, 2017. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

principalmente a Alvorada... Só que agora cada vez some mais. Acho que é a fé, hoje o pessoal não vive mais pela fé, vive pelo dinheiro. Nem de Jesus lembram mais. (Entrevista Dona Bidica).

Estes excertos foram trazidos para mostrar que o sujeito, Dona Vanjelina, cuja entrevista constitui o principal corpus de nossa pesquisa, reproduz por meio de seu discurso a ideologia anti-Protestantismo da parcela maistradicional de sua comunidade e que esse problema está relacionado ao progresso material da região cujo efeito foi a urbanização acelerada.

A crítica de D. Vanjelina estende-se, ainda, instigada pelo entrevistador, à ausência dos representantes do Catolicismo na região:

1. Ney: E o padre vem aqui ou não?
2. Vanja: Eu não tenho visto ele, tenho vontade de dar uma esbarrada nele.
3. Ney: Não vindo aqui os crentes fica mais forte?
4. Vanja: Naturalmente, mais folgado, vamo entrando.

A enunciadora denuncia certa cumplicidade do padre pelo ingresso dos protestantes, por isso o tom belicoso que assume em sua fala. Já que a ausência do padre e dos costumes festivos da sua religião deixa tudo abandonado e à mercê da influência dos protestantes.

O *ethos* construído por Dona Vanjelina, de oposição e de denunciante, legitima-se por meio do discurso bíblico de Jesus: "Quem não está comigo, está contra mim; e quem comigo não ajunta, espalha". (Lucas 11, 23). E no entender de Dona Vanjelina, a verdade é Jesus, e a religião católica para ela é a verdadeira e a mais certa, porque ela cresceu numa comunidade com crenças advindas dessa religião.

1. Eu não quero saber porque isso é uma mentira, um meio de botá no bolso...
2. Chega um pessoal de outra religião aqui na minha casa é porque é isso, eu disse tá muito bom, você vai podê deixar que eu vou. Toma esses folheto para você. Eu

disse: hoje ainda eu não tenho dinheiro, sou aposentada e ainda não recebi. Eu ia, eu não, nasci nessa e nessa eu vou me embora... (Entrevista Dona Vanjelina).

A enunciadora faz nos excertos anteriores uma crítica ao acusar os protestantes de aproveitarem-se dos fiéis financeiramente, em (1), usando a fé para ganhar dinheiro. Relata mecanismos de persuasão dos protestantes como a entrega dos folhetos e as visitas às casas, em (2). Dona Vanjelina, quando diz "Eu ia, eu não", ao invés de "Eu jamais iria [à igreja protestante]", ao mesmo tempo em que parece encenar o diálogo com o crente que lhe entrega o folheto ao qual diz que irá à igreja para livrar-se do incômodo da visita e diz internamente para si que não irá, parece também reforçar suas convicções de modo mais intenso por meio do contraste que estabelece entre a afirmação e a negação, postas lado a lado, com a prevalência da última sobre a primeira.

Dona Vanjelina relata no seu discurso uma guerra ideológica, na qual a arma dos oponentes era o som alto. Neste momento, nos parece que o silêncio de pessoas como ela teve certa eficiência, já que o suposto inimigo arrefeceu: "... Nós já sofremos muito com o alto falante que tinha aí, dava até vontade de jogá pedra, **eles metia a ripa em cima de nós**. Agora de tanto dá em cima, em cima, parô...".

A enunciadora evidencia que havia desentendimentos na comunidade entre as duas religiões, e relata a perseguição por meio de termos, expressões de cunho belicoso como "metia a ripa" e "metia o pau": "[Os protestantes] metia a ripa em cima de nós", [...] "... Eles metia o pau nos católicos. Que não prestava era isso, era aquilo...".

As marcas de oralidade são características presentes em uma entrevista, entendendo que este é um gênero que se situa no contínuo oralidade/escrita, língua falada/língua escrita. Essas marcas se ligam diretamente aos papéis conversacionais, pessoais e sociais dos interlocutores e as encontradas na enunciação de Dona Vanjelina revelam a pouca educação formal a que teve acesso o sujeito. Por outro lado, a fala da enunciadora ganha expressividade quando reforça a agressão do inimigo por meio da reiteração da locução "em cima".

É parte do senso comum proferir: "no meu tempo era melhor...", mas no caso dela é possível mostrar que isso se agrava porque sua cultura está perdendo terreno e ela não tem como, com a pouca educação formal recebida, e com os poucos recursos ao seu alcance nesta área, adaptar-se às novas tecnologias.

TANURI, Marta Aparecida de Faria. Aspectos do discurso Caiçara: uma entrevista com um membro da Comunidade. *Revista Intercâmbio*, v. XXXIV: 97-119, 2017. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

Podemos verificar ainda na fala do caiçara Luiz Suré<sup>7</sup>, características parecidas com a ideologia religiosa de Dona Vanjelina, como se pode ver no excerto a seguir:

1. Luiz: "A festa do Divino, tinha a folia que saia para as roças, tinha a festa na cidade. Era três dias de festa, era muito boa, hoje não fazem mais festa como faziam antigamente. O povo gostava. Também havia só uma lei que era a católica né. O pessoal podia fazer que todos participavam... era bonito". (Entrevista Luiz Suré).

No excerto acima, em (1), Luiz considera a religião como lei, não vê a diferença de relações políticas e religiosas. Trata sua religião, como se fosse a única que devesse ser seguida.

1. Luiz: Também. Deus é um só, Ele é Pai de todos nós. Agora não adianta virar de religião, se Deus é um só, Deus que me perdoe, que me desculpe, mas é assim que eu penso... (Entrevista Luiz Suré).

O sujeito, assim como Dona Vanjelina, em (1), acredita que Deus é um só e não aceita que exista mais de uma religião.

1. Ney: Como era a fé do povo de antigamente?
2. Luiz: Ah... não havia religião diferente não. Hoje é que tem essa **tranqueira** tudo, é que **confundi a cabeça das pessoas**. Quando veio o protesto pra cá, eles andava pra lá e pra cá, e foi assim que começou, e daí por diante **começou a a religião que não acaba mais...**( Entrevista Luiz Suré).

O caiçara Luiz como pode constatar no excerto acima, usa do mesmo argumento que Dona Vanjelina, assume embate contra os protestantes, opondo-se de forma agressiva, constatando em (2). Podemos perceber também em (2), que o enunciador desqualifica os protestantes chamando-os de "tranqueira". Além disso, metonimiza o grupo por meio de suas ações, "o protesto", o que acentua ainda mais o caráter ameaçador que lhes confere. Implicitamente, a proliferação de crenças religiosas mostra-se, para esse sujeito, como uma heresia à crença na unidade da Divindade.

---

<sup>7</sup>Entrevistado caiçara

As falas de D. Vanjelina frequentemente estabelecem uma forte oposição entre o antigo e o moderno, entre os marcadores temporais "antes e hoje", e o emprego de sinais de saudosismo, que se constroem por meio da utilização dos verbos no pretérito imperfeito, próprios da narrativa de um passado que recupera fatos que ainda estão vivos na memória e que, portanto, podem retornar um dia se as condições necessárias forem estabelecidas. Além disso, os marcadores temporais confirmam essa ideia e nos lembram das estruturas das histórias míticas ou dos contos de fada como nos seguintes excertos: "Nós tinha festa de Santo Antônio...", "... Naquele tempo, nos tudo dançava...", "Tinha baile mas hoje não tem mais nada...", "...Aquele tempo tinha as festas de Bom Jesus...", "...Aquele tempo as festa que fazia tinha muita comida", "Antigamente matava aquele peixinho de rio..." "...Vendia pipoca sempre, porquê, aquele tempo as festas que fazia tinha muita comida. "... Aquele tempo fazia uma festa dessa, hoje não faz mais, chiba, ciranda, cana-verde, marrafa, era isso aí. Hoje não faz mais...", "...Isso tinha festa, hoje nem foguete querem que solte...", "...Quando a folia vinha", "...Aquele tempo fazia uma festa dessa, hoje não faz mais, chiba, ciranda, cana-verde, marrafa, era isso aí."

O pretérito imperfeito e os marcadores temporais exprimem a ideia de saudade, nostalgia, que não deixam de ser parte do mito de paraíso perdido, da Idade do Ouro, presentes na ideologia da religião católica, bem como base de outros cultos religiosos. Trata-se aqui da construção de um sujeito cujo pensamento mítico cuja característica é a circularidade, ainda foi pouco tocado pelo progresso, pela industrialização. Podemos constatar, nos excertos anteriores, uma ideia de fartura de comida e de alegria no passado, partes dos festejos ritualísticos que tinham a função de reviver periodicamente o mito. Hoje, acabadas as festas, parece que se acabou também a fartura e a solidariedade, já que os alimentos, nas festa atuais, são vendidos e não mais compartilhados entre os membros da comunidade.

As orações, que exprimem o presente "hoje", mostram que o presente do sujeito da enunciação está associado à ideia de vazio, de falta, de que tudo está acabado e de negação, que não deixa de ser uma falta: "Hoje não faz mais...". Em contraste com o pretérito imperfeito usado para o resgate nostálgico de um passado feliz, mostra-se que o presente é associado à ideia de negação das crenças tradicionais e de escassez de alimentos: "Hoje não faz": "Agora eu cheguei ali no Rancho e falei. Hoje é dia de *Corpus Christi*, tire pelo menos duas tainhas, vai vendê para comprar foguete"... , "... Hoje não faz mais...", "... Demos uma laçada de peixe, foi quatorze mil na praia da Picinguaba, não enxergava,

TANURI, Marta Aparecida de Faria. Aspectos do discurso Caiçara: uma entrevista com um membro da Comunidade. *Revista Intercâmbio*, v. XXXIV: 97-119, 2017. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

nunca mais vi isso na minha vida. No tempo da Revolução, aquela revolução grande que deu, adepois disseram que Nossa Senhora da Conceição não precisava ganhar quinhão, acabou a tainha..."

O "antigo" para Dona Vanja é o tempo em que reside sua identidade e de sua comunidade. Sua fala expressa seus pensamentos, ideais e figura todo o contexto que está sendo produzido, já que Segundo Dijk (2012:184):

Também é possível dizer que o discurso expressa ou manifesta o contexto, se os contextos, tomados num sentido social ou cognitivo, são descritos como alguma coisa que subjaz ao discurso e se os traços contextuais são vistos como parte do significado ou interpretação do discurso. Nessa linha, os papéis do falante podem ser descritos como sendo "expressos" no texto e na fala se o discurso é encarado acima de tudo como forma e formulação, e menos como significado e ação. Os contextos não são observáveis, portanto o discurso pode ser tomado como um dos modos de torná-los visíveis, via expressão ou manifestação.

Desse modo, Dona Vanjelina assume uma atitude de embate ao discurso protestante. Podemos evidenciar esse comportamento de desacordo, firmeza, opinião, rejeição, preconceito e protesto na fala do sujeito em relação aos "crentes", bem como no sentimento de abandono de Dona Vanjelina, que se sente deixada sozinha pelos pares e até pela Igreja, que não estimula mais a realização de festas religiosas que eram, na concepção desse sujeito, símbolos de união.

Os excertos a seguir realçam a desunião no presente em contraste com a união do passado, bem como a premência de ações que retomem a identidade cultural perdida:

1. .... eu digo para o senhor que tem bastante católico, mas não vai porque tem vergonha. O crente fala qualquer coisa, abaixa a cabeça. O que é isso! Temos que infrentá, se não defendermos o que é nosso, comigo ninguém tira farinha é porque eu não presto... (Entrevista Dona Vanjelina).

No excerto acima, em (1), a enunciadora, suplica pela defesa da sua identidade, da sua religião, considerando como seu próprio espaço que está sendo invadido sem qualquer defesa.

No contexto do discurso em questão, a enunciadora Dona Vanjelina usa o termo crente para distinguir-se dos protestantes.

TANURI, Marta Aparecida de Faria. Aspectos do discurso Caiçara: uma entrevista com um membro da Comunidade. *Revista Intercâmbio*, v. XXXIV: 97-119, 2017. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

Embora todos tenham uma crença, a dela advém do Cristianismo e os que seguem são chamados de cristãos. O léxico "infrentá" grifado, encontrado na entrevista de Dona Vanjelina, evidencia uma disputa, que é histórica na cultura Ocidental.

O protestantismo chegou ao Brasil em meados do século XIX, encontrando a religião católica já instalada no país. Mendonça (2008) faz considerações sobre a religião católica: "Antes de ser religião do Estado, era a religião do povo brasileiro, era a configuração de seu mundo em todos os sentidos da vida". Dona Vanjelina passou por esse advento protestantista e sentiu dos embates diários entre as religiões, esse conflito que foi construído historicamente. Há razões psíquicas e sociais para que a enunciativa estabeleça *ethos* de denunciante e de oposição à outra religião. A luta por um espaço religioso na sociedade partiu historicamente dos protestantes, que tinha de combater a religião católica já instalada como religião oficial do Brasil. Segundo Mendonça (2008:122):

A luta dos protestantes por um espaço religioso na sociedade brasileira desenrolou-se em três níveis: o polêmico, o educacional e o proselitista. O educacional se desenvolveu em dois outros níveis: o ideológico, cujo objetivo era introduzir elementos transformadores na cultura brasileira a partir dos escalões mais elevados, e o instrumental, cujo objetivo era auxiliar o proselitismo e a manutenção do culto protestante na camada inferior da população. [...] O proselitismo, isto é, o esforço desenvolvido pelos protestantes para converter os católicos, constitui-se no confronto direto com o catolicismo, uma vez que se tratava da tentativa de substituição de princípios de fé e procedimentos religiosos profundamente arraigados em três séculos livres de concorrências.

Dona Vanjelina mostra na sua entrevista a resistência dos católicos e a fragilidade na recuperação do espaço perdido. A enunciativa manifesta um discurso de enfrentamento, de luta, mas que podemos ver que não é uma luta só dela, mas uma luta ideológica na qual o país enfrentava.

O sujeito usa como estratégia promover novamente as festas para afastar as pessoas da influência protestante atraindo o povo. Quando se usa o termo "aquilo lá" evidencia-se, ideologicamente, o desprezo para com a religião contrária a sua. A fala de Dona Vanjelina traz evidência de briga e intrigas na comunidade, mostrando provocações que são ecos das disputas históricas entre as denominações religiosas. Além disso, Dona Vanjelina reconhece o poder persuasivo dos protestantes, sente a



TANURI, Marta Aparecida de Faria. Aspectos do discurso Caiçara: uma entrevista com um membro da Comunidade. *Revista Intercâmbio*, v. XXXIV: 97-119, 2017. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

força do proselitismo apontado por Mendonça (2008) e reage aderindo às posições do entrevistador, que agora lhe concede espaço para falar a mais pessoas do que as que têm acesso no dia a dia.

Outras marcas do posicionamento do sujeito contra a religião protestante encontram-se nas falas em que D. Vanjelina acusa os jovens de se deixarem persuadir pelo discurso protestante ou de não darem continuidade às tradições. No trecho “É porque a cabeça é oca minha filha, qualquer coisa batendo, pronto”, a enunciadora acusa os jovens, de se deixarem persuadir com facilidade e com isso colocarem em risco as tradições por meio do desinteresse pelas festas populares: “Os filhos não deram continuidade, viraram crente”.

Outros trechos do discurso de Dona Vanjelina mostram traços da sociedade patriarcal. No seu discurso fica clara a posição do homem, elemento que trabalhava e buscava madeira para fogueiras das festas, enquanto a mulher rezava e cozinhava, como se pode ver no excerto abaixo:

1. Ney: Nos dias de festas os homens iam buscar madeira para a fogueira. E as mulheres faziam o quê?
2. Vanja: Ia para a igreja rezar.
3. Ney: E as comidas quem fazia?
4. Vanja: Vendia pipoca sempre<sup>8</sup>(Trecho de entrevista de Dona Vanjelina)

A fala a seguir constrói a imagem da mulher marcada pela crença na intervenção divina e no dogma católico do monoteísmo marcado, inclusive, pela intolerância em relação a outras formas de expressão da religiosidade, respectivamente em trechos como: “Graças a Deus”... “A providência de Deus tão aí”... “Deus é um só”... “Onde já se viu duas e três religiões”. O tradicionalismo do discurso religioso, a perenidade dos valores e a convicção acerca disto aparecem em falas como: “Eu nasci nessa, meu pai morreu nessa, minha mãe morreu nessa, e nessa eu vou me acabá”, e “...eu nasci nessa e nessa eu vou me embora”.

---

<sup>8</sup>Neste trecho há divergência entre o áudio e a transcrição, D. Vanjelina dá mais uma informação, que as mulheres se arrumavam e iam rezar, trazendo também a ideia de sedução, na qual as mulheres se arrumam para conquistar o homem.

TANURI, Marta Aparecida de Faria. Aspectos do discurso Caiçara: uma entrevista com um membro da Comunidade. *Revista Intercâmbio*, v. XXXIV: 97-119, 2017. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

Dona Vanjelina expressa sentimentos de vida e de morte pela religião, afirmando que nasceu nesta religião e morrerá nela, deixando claro que não se deixará influenciar por outras religiões. A reiteração do dêitico que recupera a religião em que D. Vanjelina nasceu e pretende morrer é um mecanismo de coesão por repetição cuja finalidade é acentuar as convicções do sujeito.

Percebe-se uma clara consciência de classe em que os ricos são acusados de explorar os pobres, quando cita a importância do pobre para o rico e da mão de obra daqueles, como fonte de riqueza para estes: "Vocês não tem dó dos pobres, o pobre é cachorro, mas é o pobre que vale o rico, porque se eles não plantar o rico não tem."

Dona Vanjelina assume embate com as instituições governamentais também, por meio da referência à Polícia Florestal que acusa de não proteger os pobres que precisam do plantio e da pesca para sobreviver. Mostra a revolta com que trata a exploração do pobre pelo rico. Indaga a desproteção do pobre e desvalorização de seu trabalho.

Desse modo, a enunciadora caiçara, Dona Vanjelina, deixa no seu discurso a marca contextual de outras questões, além das religiosas, como a luta de classes e a problemática que envolve a relação entre o homem e o meio ambiente em uma região que rapidamente se transformou de rural em urbana em um curto período de tempo. São questões ambientais presentes no litoral de São Paulo, tais como a relação dos pescadores com a Polícia Florestal, que impõe restrições às atividades de pescar e defazer roça nos arredores do município. Os órgãos estatais disciplinadores da ocupação e das formas de uso da região são acusados de impor restrições às atividades tradicionais de extrativismo dos nativos da região e de se apossar do espaço antes dominado por eles: "A Florestal também é outra praga" ... "; o mar é do povo" ... " A Picinguaba foi criada pelos pescadores" ... " porque meu pai foi um homem que sempre foi pescador, foi filho, foi neto, meus filhos são todos pescadores".

Essa fala revela que a intervenção do Estado, apesar de poder ser benéfica para o meio ambiente, não se fez como conscientização dos habitantes da região, mas em certo sentido lhes impõe regras incompreensíveis para quem sempre viveu da natureza. O protesto de D. Vanjelina deixa entrever certo autoritarismo de um estado paternalista que não educa, mas pune aqueles que desobedecem as leis, nem sempre construídas em diálogo com a comunidade.

Esse tema reaparece em outras entrevistas, revelando também a parcialidade da ação dos órgãos institucionais, quer porque não têm como atingir os ricos que possuem lanchas e são capazes de escapar dos fiscais, quer porque pune com rigor excessivo os que se servem da pesca não como fonte de lazer, mas como meio de encontrar o sustento. Na entrevista de Baéco e de Vanil<sup>9</sup>, dois pescadores, percebemos isso quando relatam sobre a pesca ilegal praticada por turistas na região de Ubatuba:

1. Ney Martins: Até você chamar a Florestal, pra ele pegar uma lancha do Corpo de Bombeiro e iratrás, o cara (pessoa que está infringindo a lei) já foi embora.
2. Baeco: Foi embora...
3. Ney Martins: E quando pegam pegam os pequenininhos nosso aqui, que prende rede, prende tudo.
4. Vanil: Aí achata ele.
5. Ney Martins: Exatamente. Multas pesadas nas costas e., a gente vê acontecer muito isso.
6. Baeco: Em vez de ajudar, massacra mais os...
7. Ney Martins: Os pequenos né?
8. Baeco: Massacra os pequenos.
9. Vanil: Eu sei que é complicado. Tá ficando difícil. Difícil mesmo, não tem mais saída.
10. Ney Martins: Você tem saudade da o pesca ?
11. Vanil: Tenho, muita. Eu nunca tinha a pesca como trabalho. Eu tinha a pesca como recreio. Pra mimera um passeio. Porque as veiz o mesmo mês que eu tava no Rio, tava em Santa Catarina. Eu tava em Santos. Corria três Estados ai num dia, num mês. Pra mim era um recreio. Nunca tive a pesca comoum trabalho.
12. Ney Martins: Tem saudade então?

<sup>9</sup>

Entrevistados de Baéco e Vinil .

13. Vanil: Tenho, muita. Tenho muito mesmo ( Trecho entrevista Baéco e Vanil).

Por estes aspectos percebe-se que o protesto contra o desaparecimento da religião é apenas um dos pontos da fala de D. Vanjelina e da comunidade de Ubatuba. Embora o mais evidente, esse tema traz consigo outros que não envolvem apenas questões espirituais, mas são ligados ao uso dos recursos naturais da região que agora têm de ser divididos com turistas, pessoas que não possuem a mesma ligação com a terra que os caiçaras têm e que, ainda por cima, contam com mais acesso à tecnologia, o que lhes permite consumir em maior quantidade os bens que antes destinavam-se à subsistência da comunidade cujos membros são usados como mão de obra barata pelas atividades ligadas ao turismo. No discurso, questões religiosas, sociais, econômicas e políticas fundem-se. Assim como na Bíblia, resta a impressão de que a ruptura com a religião dos antepassados tenha representado algum crime ou falha da comunidade que agora está sendo punida com a escassez de alimentos e um certo tipo de escravidão. Como uma espécie de profetisa dos tempos modernos, D. Vanjelina exorta os seus pares a restabelecerem o vínculo perdido com a divindade por meio do reavivamento das festas, momentos de comunhão entre os membros da comunidade com o Divino, no sentido de restaurar a prosperidade perdida, a Idade do Ouro que se viveu no passado. Esse discurso, em certo sentido, reitera o discurso bíblico, especialmente o do Velho Testamento (Êxodo: 6,6,9), como aquele da história da escravidão dos hebreus no Egito:

Por isso, diga aos israelitas: Eu sou o Senhor. Eu os livrarei do trabalho imposto pelos egípcios. Eu os libertarei da escravidão e os resgatarei com braço forte e com poderosos atos de juízo.

Eu os farei meu povo e serei o Deus de vocês. Então vocês saberão que eu sou o Senhor, o seu Deus, que os livra do trabalho imposto pelos egípcios.

E os farei entrar na terra que, com mão levantada, jurei que daria a Abraão, a Isaque e a Jacó. Eu a darei a vocês como propriedade. Eu sou o Senhor.

Moisés declarou isso aos israelitas, mas eles não lhe deram ouvidos, por causa da angústia e da cruel escravidão que sofriam.

Como no excerto da Bíblia, aspecto como esperança de reaver a liberdade e de ter uma vida feliz estão presentes ideologicamente na fala de D. Vanjelina. A escravidão dos hebreus pode ser entendida como punição pelo fato de terem se despedado de suas tradições religiosas, assim como ocorreu com a comunidade caiçara na fala de D. Vanjelina e do entrevistador. Dona Vanjelina vê como consequências dessa falha trágica, o abandono e o sofrimento. A escravidão, equivalente à falta de poder buscar a própria subsistência e ter de servir de mão de obra barata aos turistas, pode ser entendida como consequência direta do apagamento da identidade cultural do povo caiçara.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando aspectos da Linguística da Enunciação, vemos a experiência de Dona Vanjelina, como pessoa constituída no discurso, que se coloca em sua individualidade ao mesmo tempo em que reproduz a voz da comunidade em que se insere. Ao assumir o *eu* em oposição a *tu* e *a ele*, Dona Vanjelina busca em seu discurso defender o seu ponto de vista contrapondo-se a outras formações discursivas e ideológicas que nos remetem, mais explicitamente, a um embate contra o Protestantismo, porém, como demonstrado, refletem outros aspectos do contexto como a urbanização acelerada da região em que vive e as consequências disso, tais como a exploração da mão de obra dos nativos, a interferência do Estado nas atividades extrativistas e o desinteresse dos jovens pelas festas tradicionais.

Este último aspecto provoca queixas de Dona Vanjelina, que denuncia o que se pode denominar de silenciamento cultural do seu grupo no município. Esta queixa se repete em outros textos reunidos no projeto "Meu bairro tem histórias", entrevistas dadas por outros membros da comunidade de D. Vanjelina, como a entrevista de "Bidica" Benedita de Oliveira Santos; Catarina de Oliveira Prado; Baeco, Manoel Onerai Barbosa; e Vanil, Luiz Suré.

No decorrer da pesquisa pode-se perceber a pluralidade de trajetórias e maneiras de viver dos caiçaras do Município de Ubatuba. A potencialidade da sociedade estudada mostrou sua subjetividade e pude observar no discurso de Dona Vanjelina aspectos gerais da ideologia caiçara, como a expressividade e seus processos de interação.

Percebe-se que, para essas populações que viviam isoladas, a religião servia como uma forma de manter e estreitar os laços sociais mais do que uma forma de culto à Divindade. O povo vivia de forma gregária e as festas eram a manifestação desse espírito coletivo, o que

TANURI, Marta Aparecida de Faria. Aspectos do discurso Caiçara: uma entrevista com um membro da Comunidade. *Revista Intercâmbio*, v. XXXIV: 97-119, 2017. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

aparece nas falas nas quais são ressaltados o compartilhamento de alimentos entre os membros da comunidade e as festas, que eram o ápice dessa integração. A cultura do povo caiçara, enraizada historicamente, foi se apagando com o ingresso de turistas trazidos pela construção das estradas, pelo surgimento de novas tecnologias e de novas denominações religiosas, como o Protestantismo.

A ocupação indiscriminada e sem planejamento da região por outras populações representou uma necessidade de mudar muito rápido de costumes e de incorporar novas tecnologias e formas de vida muito diferentes daquelas às quais os nativos estavam acostumados; por outro lado, uma atividade tão cosmopolita quanto o turismo trouxe hábitos distantes dos hábitos da gente simples que vivia em contato direto com a natureza e por isso tornou-se difícil a adaptação; considerando-se que a região, como muitas no Brasil, não apresentava e ainda não apresenta taxas altas de escolaridade, os nativos terminaram por submeter-se a trabalhos mal remunerados e a servir de mão de obra barata. Esse advento histórico propiciou não só o êxodo rural, mas interferiu diretamente nas tradições culturais da comunidade. As interferências ideológicas causaram estranhamento, revolta e sentimento de abandono, pois viram a sua infância e a sua identidade se apagarem pela inovação tecnológica e chegada de outras atividades ao município.

Dona Vanjelina, em sua entrevista, bem como os outros caiçaras e o próprio entrevistador, reconstróem por meio do discurso o retrato desses fatos históricos. O embate entre as religiões católica e protestante, evidenciadas por ela, é uma situação histórica no país a partir de meados do século XIX, na qual os protestantes buscam um espaço religioso na sociedade. Os sujeitos dos discursos analisados dão voz a essa resistência ao Protestantismo como parte da resistência aos novos valores que se impõem. Essa resistência estende-se ao autoritarismo do Estado, que lhes nega o direito ao extrativismo, mas não consegue impedir que os turistas explorem os recursos naturais, e à própria igreja católica que perdeu seu poder de ação nas últimas décadas no Brasil.

O inchaço populacional e a especulação imobiliária inviabilizaram as atividades extrativistas ou mesmo as atividades provenientes da agricultura, pois as terras encareceram e isso contribuiu para o empobrecimento da população local. Muitos caiçaras venderam suas terras e poucos mantiveram seu espaço e suas tradições.

Pode-se afirmar ainda, que o discurso de D. Vanjelina se insere no universo de discursos equivalentes, como mostrado no confronto com

TANURI, Marta Aparecida de Faria. Aspectos do discurso Caiçara: uma entrevista com um membro da Comunidade. *Revista Intercâmbio*, v. XXXIV: 97-119, 2017. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

outros fragmentos de outras entrevistas e representa o eco de uma cultura que está sendo soterrada pelo progresso e pelas mudanças econômicas na região; o fenômeno mais perceptível para os mais antigos é a religião, ponta de um iceberg que se estende a outras esferas da sociedade e são reflexo da falta de planejamento na ocupação das áreas litorâneas do Estado de São Paulo.

Sob o pretexto de trazer o progresso, comunidades inteiras são silenciadas e repete-se o mesmo processo que ocorreu na região quando da chegada dos colonizadores portugueses, quando os nativos perderam suas terras para o Europeu.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENTES, A. C.; LEITE, M. Q. *Linguística de texto e análise da conversação: panorama das pesquisas no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2010.

BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral I*. São Paulo: Pontes, 1995.

\_\_\_\_\_. *Problemas de linguística geral II*. São Paulo: Pontes, 1989.

BÍBLIA ONLINE. Livro do êxodo. Disponível em: <[http://www.bibliakon.com/exodo\\_6](http://www.bibliakon.com/exodo_6)>. Acesso em: 13 ago. 2014.

BRANDÃO, Helena H. N. Analisando o discurso. Disponível em: <[www.estacaodaluz.org.br](http://www.estacaodaluz.org.br)>. Acesso em: 25 jan. 2013.

DIJK, T. A. *Cognição, discurso e interação*. São Paulo: Contexto, 2013.

\_\_\_\_\_. *Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitivista*. São Paulo: Contexto, 2012.

\_\_\_\_\_. *Cognição, discurso e interação*. São Paulo: Contexto, 2004.

\_\_\_\_\_. *Ideologia y discurso*. Barcelona: Planeta, SA, 2003.

KOCH, I. V. *A Inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 2012.

\_\_\_\_\_. *Introdução à linguística textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MENDONÇA, A. G. *O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: EDUSP, 2008.

TANURI, M. A. F. Aspectos do discurso caiçara que se manifestam na entrevista de D. Vanjelina de Ubatuba. Dissertação de Mestrado em Linguística. Área de concentração: Teorias e Práticas discursivas: Leitura e Escrita- Universidade Cruzeiro do Sul, 2014.

URBANO, H. *A frase na boca do povo*. São Paulo: Contexto, 2011.